

VILÉM FLUSSER:

Por que fazem padeiros pão? Posso imaginar pelo menos dois tipos de resposta. A primeira resposta seria algo como: porque precisam ganhar dinheiro. A segunda resposta diria aproximadamente: porque o pão é um alimento útil. Por que fazem generais guerras? Posso imaginar ainda os mesmos dois tipos de resposta, (embora talvez um pouco menos convincentes): A primeira seria algo como: porque são sedentos de glória. A segunda resposta diria aproximadamente: porque a guerra é um comportamento natural de certas sociedades. Pois bem, tentemos os mesmos dois tipos de resposta para a pergunta seguinte: Por que existem pessoas que fazem filosofia? Para ganhar dinheiro? Ou para ganhar glória? Ou para ganhar qualquer coisa equivalente? Ou então porque a filosofia é útil? Ou porque é um comportamento natural? Ou por qualquer motivo semelhante? Concordará o leitor comigo que estas respostas não convencem. O dinheiro que os filósofos ganham, (se é que o ganham), não é suficiente para cobrir as despesas com papel de escrever e fitas de carbono. A glória que ganham é muito inferior à fama de todo e qualquer costureiro parisiense, (para não falar na fama de um jogador de futebol ou de um assaltante). E não sei de qualquer outra coisa semelhante que ganhem. Quanto ao segundo tipo de resposta, não me consta que alguém tenha conseguido demonstrar qualquer utilidade da filosofia, mas sei, pelo contrário, que a grande maioria da humanidade não sente uma falta terrível da filosofia. Não se pode viver sem pão, e é difícil viver sem televisão, e um iate é algo que torna a vida amena. Mas a filosofia? O próprio pronunciar da palavra provoca bocejo. Insisto portanto na pergunta que forma o título deste artigo.

Bertrand Russell é um filósofo inglês que se tornou rico e famoso. Não, obviamente, pela sua filosofia. Esta é terrivelmente chata, já que o seu livro mais importante tem um título latino que ninguém entende. Mas é rico por ser lorde. E é famoso por ter importunado líderes políticos soviéticos e americanos com cartas impertinentes, e por ter participado de passeatas aos oitenta anos. Pois por ser rico e famoso é objeto da curiosidade de jornalistas. E alguns lhe fizeram a seguinte pergunta: "Meu lorde, porque a sua lordesa faz filosofia?" E respondeu: "Porque isto me diverte." O leitor culto e instruído rejeitará esta resposta com um sorriso. Afinal, Russell é um excêntrico perigoso. Por exemplo: embora lorde, é socialista. A sua resposta é portanto mais uma das suas excêntricas. Mas Russell não deixa de ser uma pessoa inteligente. Creio que vale a pena tomar a sério a sua resposta, pelo menos provisoriamente. É claro que ao formular sua resposta, Russell se utilizou da língua inglesa. "I had a nice time" foi o que disse. E isto significa, se traduzido verbalmente para o português: "Tive um tempo agradável". Pois é isto que Russell afirma: Alguns fazem filosofia para passar agradávelmente o tempo. Aristoteles é outro filósofo famoso, (e provavelmente rico). É famoso, porque

VILÉM FLUSSER

por malentendido curioso foi tomado por cristão pelos professores da Idade Média, embora tenha morrido muitas centenas de anos antes de Cristo. E é provavelmente rico, porque, tendo sido professor do príncipe Alexandre da Macedônia, teve relações excelentes com o governo do Império alexandrino. Pois este Aristoteles declarou o seguinte: "Por causa do espanto faziam os homens antigamente filosofia, e continuam a fazer filosofia atualmente". Não sei se Aristoteles deve ser tomado a sério, já que o termo "aristotélico" é, atualmente, palavra feia. Mas, em todo caso, estamos diante de duas respostas divergentes. Russell diz que alguns fazem filosofia para passar agradavelmente o tempo, e Aristoteles diz que alguns fazem filosofia porque ficaram espantados.

Recorro novamente ao auxílio do leitor culto e instruído. Esse leitor, profundo conhecedor da lógica aristotélica, não verá contradição nas duas respostas. Não sei definir, pessoalmente, o que é "lógica aristotélica", mas concordo que é logicamente possível que uns fazem filosofia como divertimento, e outros como reação a um espanto. Concordo, inclusive, que na Atenas de Aristoteles o espanto era coisa mais comum que na Londres de Russell. E que portanto a filosofia era para Aristoteles algo diferente daquilo que é para Russell. Mas sugiro ao leitor culto e instruído o seguinte pensamento: Não só não há contradição nas duas respostas, mas estas se completam mutuamente. A filosofia é um divertimento, porque nasceu de um espanto. E radicalizarei esta minha afirmativa: Todo espanto resulta em filosofia, e a filosofia é o único divertimento daqueles que jamais se espantaram. E esta será pois a minha resposta baseada sobre Aristoteles e Russell: Alguns fazem filosofia porque algo os espantou, e o fazem para divertir-se desse espanto.

Que tipo de resposta é esta? Uma resposta besta. Nada esclarece, e provoca novas perguntas. O que é este algo que espanta? O que é espanto? Como os espantados se divertem na filosofia? O que é, afinal, filosofia? Pois é isto mesmo. A resposta que dei é uma resposta tipicamente filosófica: não responde, mas provoca perguntas. Nutro a esperança que alguns dos leitores gostarão desta brincadeira. Gostarão de ouvir as respostas a estas novas perguntas que surgiram, embora saibam que estas novas respostas provocarão perguntas novas. Estes leitores hipotéticos são mentes filosóficas, porque algo os espantou e querem divertir-se. O pão, a televisão e o iate não bastam para este tipo de leitores. Em casos extremos preferem até abrir mão do iate em favor deste divertimento, (principalmente quando não têm iate). E a história nos conta de casos nos quais foram sacrificadas televisões, e, (por incrível que seja) até o pão, em troca de filosofia. Pois dirijo-me para essas mentes curiosas ao continuar o meu argumento.

Há pessoas que não podem ser espantadas. Já viram tudo. Não são bobas. Não é possível enganá-las. Estão com os dois pés firmemente plantados sobre o chão da realidade. Pois estas pessoas razoáveis estão fechadas para a filosofia. Mas há outras. Estas olham pela janela e dizem: "Mas que coisa espantosa é uma

VILÉM FLUSSER
árvore, ou mesmo um ônibus, ou até esta minha mão esquerda". Por que dizem isto? Por que se espantam diante do corriqueiro? Porque tudo é, não fundo, inexplicável. Tudo é misterioso. Existem, é verdade, múltiplas explicações, e estas satisfazem as pessoas razoáveis. A árvore é uma planta, o ônibus é um transporte coletivo, a minha mão esquerda serve para segurar o garfo. Mas o que é uma planta? e porque o coletivo é transportado? e para que seguro garfo? Surgem novas explicações que satisfazem pessoas mais exigentes. Mas essas explicações podem ser, todas elas, postas em dúvida em regressão quase ao infinito. E finalmente surgem as seguintes perguntas: O que é tudo isto que me cerca? Para que serve tudo isto? E o que sou eu? Para que estou aqui? E não creio que estas perguntas possam ser respondidas. Com efeito, não são perguntas. São exclamações espantadas. Pois não são espantosas árvore, e ônibus, e minha mão esquerda, depois de eu ter exclamado estas minhas perguntas falsas? O próprio chão debaixo dos meus pés tornou-se ôco, e piso o abismo. E nesse clima que faço filosofia.

Faço filosofia, porque não é possível viver-se por muito tempo suspenso por sobre um abismo. E a filosofia que faço é uma série de respostas a perguntas que não são, em verdade, perguntas, mas exclamações espantadas. Essas respostas tapam o abismo e constituem uma espécie de chão sobre o qual piso doravante. É muito divertido tudo isto. Por exemplo, é divertido explicar a árvore como uma impressão dos meus sentidos. É divertido explicar o ônibus como efeito de um processo histórico milenar que se inicia com a canoa. É divertido explicar a minha mão esquerda como a realização de uma vontade que quer realizar-se. É divertido tudo isto, porque não passa de uma brincadeira. No fundo sei que estas explicações erram, todas elas, de alvo. Não explicam o por que das coisas e do meu estar aqui agora. Mas é uma brincadeira muito séria a minha. Porque sei que, uma vez interrompida, terei que encerrar novamente o abismo absurdo para dentro do qual o meu espanto ameaça a precipitar-me. Brinco de filosofia, para não cair na loucura.

As pessoas razoáveis, (aquelas que não são bobas), desprezam tudo isto. Talvez tenham razão ao fazê-lo. Mas é curioso observar que essa brincadeira besta que é a filosofia resultou, no curso da história, na ciência, na arte, na organização social, enfim em tudo aquilo que as pessoas razoáveis tomam por realidade. Não fossem alguns loucos a ponto de fazer filosofia, não poderiam ser razoáveis os outros. Podemos portanto concluir que alguns fazem filosofia para que outros possam ser razoáveis.

Para os que fazem filosofia esta resposta não vale. Não formulam as suas perguntas e suas respostas em função desse tipo de utilidade. Com efeito: este é justamente o critério da filosofia. Se um filósofo procura ser útil, se se "engajou", deixou de ser filósofo por isto mesmo. A utilidade que uma filosofia porventura tem, é um sub-produto não pretendido. E nisto reside a beleza da filosofia: nada pretende. Ouso dizer que isto é a suprema beleza.